

M

CCB

21 SET 25

**CONCERTOS PARA
PIANO DE CHOPIN**

**ORQUESTRA METROPOLITANA
DE LISBOA E FRANÇOIS-FRÉDÉRIC GUY**

**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém

Grande Auditório

Domingo, 17h00

M/6

Duração total aproximada: 75 min.

FRÉDÉRIC CHOPIN (1810–1849)

Concerto para Piano e Orquestra N.º 2, em Fá Menor, Op. 21 (1830)

I. *Maestoso*

II. *Larghetto*

III. *Allegro vivace*

Concerto para Piano e Orquestra N.º 1, em Mi Menor, Op. 11 (1830)

I. *Allegro maestoso*

II. *Larghetto*

III. *Rondo: Vivace*

Piano e Direção Musical **François-Frédéric Guy**

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Fotografia de capa François-Frédéric Guy © Lyodoh Kaneko

CONCERTOS PARA PIANO DE CHOPIN

Os concertos para piano de Frédéric Chopin sempre gozaram de grande popularidade, mas também têm sido objeto de críticas depreciativas. As opiniões focam aspetos relacionados com a estrutura formal e a orquestração. Esquecem, todavia, uma componente estética essencial: a performance. Chopin nunca teve interesse pelo aparato orquestral – preferia afetar intimamente os ouvintes com a sua música e presença. Foi um verdadeiro mestre da sedução.

Há uma boa razão para evitar a numeração dos dois Concertos para Piano inscritos no catálogo das obras de Chopin. O Concerto em Fá Menor foi tocado no Teatro Nacional de Varsóvia, em março de 1830, para mais de oitocentas pessoas. Foi um sucesso retumbante que valeria a Chopin, com apenas vinte anos, o reconhecimento público e o título de «Paganini do Piano». Já o Concerto em Mi Menor só foi ali estreado em outubro do mesmo ano, mas seria aquele em que o músico confiou para se dar a conhecer ao mundo. Por razões comerciais, publicou-o em Paris, em 1833. O Concerto em Fá Menor seria publicado três anos depois. Ora, foram compostos por ordem cronológica inversa àquela que a numeração sugere. São dois concertos indissociáveis um do outro, mas que seguiram caminhos diferentes – pelo menos numa primeira fase.

Com a composição destas obras, Chopin pretendia lançar a carreira enquanto intérprete/compositor. É por isso que a nossa apreciação não se deve limitar às partituras. Estas não colocam em evidência nem a importância da componente performativa nem o contexto em que a música é partilhada. É bom exemplo disso a sua primeira apresentação pública em Paris, num encontro promovido pelo construtor de pianos Camille Pleyel, no distinto salão do hotel Cromot du Bourg, em fevereiro de 1832. Tocou à frente de um pequeno *ensemble* música de Beethoven e o seu próprio Concerto em Mi Menor para centena e meia de pessoas. Chopin preferia ambientes intimistas. Não gostava de tocar para audiências numerosas. A *Grande Polonaise Brillante* Op. 22, de 1831, foi, assim, a sua última obra com orquestra. Daí em diante, dedicou-se sobretudo à composição de peças de curta duração para piano solo.

O CONCERTO EM FÁ MENOR

O Concerto para Piano N.º 2 de Frédéric Chopin foi composto entre o final de 1829 e os primeiros meses de 1830. É uma obra de juventude em que um pianista virtuoso se aventura para lá dos limites do seu instrumento. Revela, desde logo, a mão certa de um dos maiores talentos da História da Música. O piano não confronta a orquestra com sobreposições complexas e desafiantes. Em vez disso, ambas as partes exploram requintes sonoros de grande beleza e desenhos melódicos fascinantes que se encadeiam sem mácula.

O segundo concerto para piano de Chopin – portanto, o primeiro que escreveu – é uma obra plena de originalidade. Distingue-se pela preponderância do piano em relação à orquestra, o que ocasionalmente suscitou críticas severas. Embora siga a tradicional divisão em três andamentos, privilegia o virtuosismo do solista em detrimento de uma estrutura formal mais sólida. Nunca abandona, porém, o fio condutor em que assenta: sucessivos efeitos dramáticos que prendem a atenção do ouvinte de início ao fim.

O convencionalismo da introdução orquestral no primeiro andamento não permite adivinhar a importância do que está para vir. Só quando o piano explana o seu discurso – quase como um monólogo – se vislumbra a singularidade criativa do músico polaco. Tal protagonismo torna-se ainda mais evidente no andamento lento que lhe segue e que, nas palavras do compositor, retrata a disposição tranquila e melancólica de alguém que relembra as memórias mais felizes, algo como «um sonho ao luar numa bela noite de primavera». Cabe aqui lembrar que a relação que Chopin manteve, em final de vida, com a escritora George Sand ensombra nas suas biografias uma primeira paixão pela jovem soprano Konstancja Gładkowska. Este momento da obra ser-lhe-ia subliminarmente dedicado. Contrasta, assim, com a vivacidade rítmica do último andamento, evidentemente inspirado em danças tradicionais da época.

O CONCERTO EM MI MENOR

Num comparação grosseira, o Concerto em Fá Menor de Chopin tem um carácter poético e introspetivo, ao passo que o Concerto em Mi Menor é dramático e vigoroso. Aqui, o solista assume maior protagonismo, denotando rasgos característicos do virtuosismo pianístico em voga no início do século XIX. Contrastam o andamento lento e uma atmosfera intimista e sonhadora. Não espanta ter sido «cartão de visita» no momento de se aventurar além fronteiras, primeiro em Viena, em 1831, e no ano seguinte em Paris. Desde há duzentos anos, o concerto alimenta o estatuto de génio romântico que se associa à figura do músico polaco.

Genericamente, o Concerto em Mi Menor respeita o modelo padrão de um concerto da época. O primeiro andamento caracteriza-se pela alternância convencional entre intervenções da orquestra e extensas passagens solísticas. O andamento lento apresenta uma forma tripartida (A-B-A') com breves apontamentos orquestrais e uma textura semelhante à dos noturnos: melodia acompanhada. O último andamento assemelha-se a um Rondó, recriando tipologias emprestadas da música tradicional. Trata-se de uma Cracoviana, uma dança de pares rápida com ritmos sincopados que lembram o galope de um cavalo (quanto a este ponto, muitos defendem que os ritmos representam a opressão do povo polaco). Juntam-se ainda influências do *bel canto* operático italiano e do virtuosismo pianístico de Johann Nepomuk Hummel.

Tudo «o resto» é Chopin. Com enfoque na parte do piano, escutam-se motivos melódicos cuidadosamente desenhados, movimentos cromáticos e apogiaturas na medida certa, notas contornadas com cerimónia... Um estilo arrebatador. Paradoxalmente, é na simplicidade que reside o segredo da interpretação. Chopin recomendava que as passagens ornamentadas fossem tocadas com clareza e naturalidade, sem exageros que as tornassem artificiosas ou excessivamente afetadas. Cuidava dos detalhes. Era rigoroso na gestão das dinâmicas – «leggierissimo», «poco crescendo». Buscava o equilíbrio certo para nunca comprometer a poética delicada que torna a sua música inconfundível.



François-Frédéric Guy

«Ao piano, François-Frédéric Guy criou cores hipnotizantes, irrompendo em cascatas arrepiantes e estrondos subterrâneos, um verdadeiro mágico do som.»

— *The Times*, Rebecca Franks, 18/05/2022

François-Frédéric Guy destaca-se como um intérprete notável da música dos Românticos Alemães e dos seus precursores, assim como de composições contemporâneas. Guy prossegue uma carreira internacional constante, tanto como solista como maestro a partir do piano. Ao lado de grandes maestros como Philippe Jordan, Kent Nagano, Daniel Harding e Esa-Pekka Salonen, trabalhou com prestigiadas orquestras como a Orquestra Sinfónica de Viena, a Orquestra Sinfónica de Montreal, a Orquestra Filarmónica de Radio France, a Filarmónica de Seul e a Orquestra da Suíça Romanda. Recentemente, atuou com a Orquestra Sinfónica da Rádio da Baviera, a Orquestra NDR Elbphilharmonie,

a Orquestra Sinfónica SWR e a Orquestra Sinfónica NHK. Um dos destaques da temporada atual será a sua participação com a Orquestra Sinfónica da BBC no Printemps des Arts, no Mónaco, onde interpretará os concertos para piano de Bartók e Schönberg. François-Frédéric Guy transmite, como poucos, vividamente a arquitetura composicional das grandes obras dos períodos Clássico e Romântico. Desenvolveu esta habilidade particularmente através do seu intenso diálogo com a música de Beethoven. As suas interpretações do ciclo das 32 sonatas para piano de Beethoven já foram celebradas mundialmente, mais recentemente em Seul. O pianista também tem uma afinidade especial por Bartók, Brahms, Liszt e Prokofiev, assim como pela música contemporânea. Mantém uma estreita associação com compositores como Tristan Murail, Ivan Fedele, Marc Monnet e Hugues Dufourt. A sua mais recente estreia trata-se do concerto para piano *L'oeil du cyclone*, de Tristan Murail, encomendado em parceria pela Orquestra NDR Elbphilharmonie, pela Orquestra Filarmónica de Radio France, pela Orquestra Sinfónica da BBC e pela Orquestra Sinfónica NHK para a temporada de 2023/2024. François-Frédéric Guy dirige regularmente os concertos para piano de Beethoven, bem como obras de Mozart, Chopin e Brahms, a partir

do piano e, atualmente, também assume o pódio do maestro. Nesta dupla função de pianista e maestro, tem vindo a colaborar estreitamente há vários anos com a Sinfonia Varsóvia e com a Orquestra de Câmara de Paris, onde foi artista residente de 2017 a 2020. As suas atuações como maestro convidado também o levaram à Orquestra Filarmónica Real de Liège, à Orquestra Sinfónica de Tenerife e à Orquestra Nacional dos Pays de la Loire. Desde o outono de 2021, detém a direção musical do *ensemble* suíço Microcosme, em Genebra.

Os seus recitais a solo levaram-no a grandes salas de concerto em Londres, Milão, Berlim, Munique, Moscovo, Paris, Viena, Amesterdão e Washington, assim como a festivais como o Festival Chopin em Varsóvia, o Beethovenfest em Bona, o Festival de Cheltenham ou os Festivais de Piano em La Roque d'Anthéron e Lille. Foi também artista residente no Arsenal de Metz de 2014 a 2017. Após ter sido artista em destaque no Wigmore Hall na temporada 2022/2023, regressou à sala acompanhado por diversos parceiros de música de câmara. Na temporada atual, partilhará o palco com o Quarteto Danel em dois concertos de quintetos para piano de Weinberg e Shostakovich.

O ponto central da sua discografia é a gravação completa das sonatas de Beethoven para a editora Zig-Zag

Territoires, que já havia lançado o seu aclamado álbum de Liszt com as *Harmonias poéticas e religiosas*. Para inaugurar o *Ano Beethoven 2020*, foi lançada a gravação completa dos concertos para piano de Beethoven sob a direção de François-Frédéric Guy com a Sinfonia Varsóvia. O seu álbum de 2017 com as três sonatas para piano de Brahms foi seguido, na primavera de 2021, por uma gravação das sonatas e trio para viola de Brahms. Em 2023, lançou *A Secret Garden*, com obras de Chopin, gravadas num piano Pleyel restaurado, de 1905. No campo da música contemporânea, apresentou o ciclo para piano *En Pièces*, de Marc Monnet, no início de 2021; um CD com a música de Tristan Murail e os *Prelúdios* de Debussy foi lançado em 2022.



Orquestra Metropolitana de Lisboa

A Orquestra Metropolitana de Lisboa é pedra angular de um projeto que se estende além do formato habitual de uma orquestra clássica. Quando se apresentou pela primeira vez em público a 10 de junho de 1992, anunciou o propósito de fazer confluír as missões artística, pedagógica e cívica. Estreou obras de grande parte dos compositores portugueses no ativo e, para lá da música que se reconhece na tradição clássica europeia, toca ainda outros estilos e tradições, tendo já partilhado palco com os Xutos & Pontapés, Carlos do Carmo, Rui Veloso, Mário Laginha, Tito Paris, Sérgio Godinho e muitos outros. Entre tantos, foi dirigida pelos maestros Enrique Dimecke, Arild Remmereit, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Emilio Pomàrico e, mais regularmente, Nicholas Kraemer, Brian Schembri (Maestro Titular em 2003/2004), Olivier Cuendet, Enrico Onofri e Michael Zilm. Pedro Neves é, desde janeiro de 2021, Diretor Artístico e Maestro Titular.

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Flautas
Nuno Inácio
Janete Santos

Oboés
Sally Dean
Carla Pereira

Clarinetes
Nuno Silva
Jorge Camacho

Fagotes
Lurdes Carneiro
Rafaela Oliveira

Trompas
Daniel Canas
Jérôme Arnouf
Miguel Oliveira⁽¹⁾
Ivan Branco⁽¹⁾

Trompetes
Sérgio Charrinho
João Moreira

Trombone
Paulo Alves⁽¹⁾

Tímpanos
Rodrigo Azevedo

Primeiros Violinos
Ana Pereira *concertino*
José Pereira
Alexéi Tolpygo
Tolga Kulak
Diana Tzonkova
Nuno Rodrigues
Inês Marques⁽¹⁾

Segundos Violinos
Ágnes Sárosi
José Teixeira
Bernardo Aguiar⁽¹⁾
Gonçalo Repolho⁽¹⁾
Anzhela Akopyan
Daniela Radu

Violas
Joana Cipriano
José Freitas
Andrei Ratnikov
Sérgio Sousa
Leonor Fleming

Violoncelos
Nuno Abreu
Catarina Gonçalves
Jian Hong
Ana Cláudia Serrão

Contrabaixos
Ercole de Conca
Vladimir Kouznetsov

⁽¹⁾ - Convidado/a

METROPOLITANA

Diretor executivo **Miguel Honrado**
Diretor artístico **Pedro Neves**
Diretor pedagógico **Rui Mirra**
Diretora administrativa e financeira
Fátima Angélico

www.metropolitana.pt
facebook.com/metropolitanalx
Travessa da Galé 36, Junqueira
1349-028 Lisboa, Tel.: (+351) 213 617 320

FUNDADORES



Ministério da Cultura
Ministério da Educação,
Ciência e Inovação
Ministério do Trabalho,
Solidariedade e Segurança Social

Ministério da Juventude
e Modernização
Secretaria de Estado do Turismo

COM O APOIO



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS

Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PATROCINADOR BOLSAS DE ESTUDO ANSO

PARCEIROS MEDIA



PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



GIRODMÉDIAS^{PT}

PARCERIAS

São Luiz Teatro Municipal
Universidade Nova de Lisboa
Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional
de Clarinete de Lisboa

CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão
Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva
Secretaria-Geral da Educação

Fundação Oriente
Academia das Ciências de Lisboa
Museu Nacional dos Coches
Museu Nacional da Música
Junta de Freguesia de Alcântara
Sociedade Nacional de Belas Artes

ÓPERA – NOVA PRODUÇÃO

SUOR ANGELICA & GIANNI SCHICCHI DE PUCCINI
ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA
E CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

DIREÇÃO MUSICAL RENATO BALSADONNA
ENCENAÇÃO CARMINE DE AMICIS

Esta nova produção revisita duas visões contrastantes da condição humana: a pungente tragédia de *Suor Angelica* e a desabrida comicidade de *Gianni Schicci*. Trata-se da segunda e terceira partes de *Il Trittico* (1918), a trilogia operática de Giacomo Puccini.

2 E 4 OUTUBRO 2025

Quinta-feira, 20h00

Sábado, 17h00

Grande Auditório

Em italiano e legendada em português

Classificação etária: A classificar pela CCE

COPRODUÇÃO: CENTRO CULTURAL DE BELÉM,
OPART/TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS



opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, SPA

TNSC
Teatro Nacional de São Carlos



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB



**FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!**

ccb.pt/newsletter

Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura
MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€
For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições
Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB
CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMÉDIA



APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA



PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE

